

ÁGUAS SULFUROSAS E URBANISMO: COMO A SAÚDE E A VILEGIATURA INFLUENCIARAM A PAISAGEM URBANA DE POÇOS DE CALDAS NOS SÉCULOS XIX E XX

II Congresso Online Nacional de Geografia, 2^a edição, de 19/07/2021 a 21/07/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-56-2

SILVA; Leandro Vieira da ¹

RESUMO

A presente publicação tem por objetivo encaminhar algumas reflexões sobre como determinadas práticas culturais ajudam na compreensão do desenvolvimento de espaço urbano. O caso aqui recai sobre as fontes hidrominerais no Estado de Minas Gerais, que desde o século XIX foram usadas para o combate de diversos males e que teve no poder público o seu principal investidor. Por estar longe do mar, o fenômeno de visitação às estações balneárias por parte da população mineira, representou um marco significativo para o desenvolvimento de cidades como Araxá, São Lourenço, Lambari e Cambuquira. Para compreender essa dinâmica, analisamos a trajetória do espaço urbano de Poços de Caldas, localizada sob a caldeira de um vulcão extinto e que deixou diversas fontes de águas quentes como testemunho geológico. A análise dessa temática envolveu revisão bibliográfica sobre práticas de vilegiatura pelo Brasil, fotos antigas, relatos de memórias e uma vistoria realizada *in loco* que permitiram subsidiar a discussão sobre como a emergência da hidroterapia influenciou o seu desenvolvimento urbano. O município já nascera sob o signo das águas desde os seus primórdios com o nome de Santa Rita das Águas Milagrosas dos Poços de Caldas, quando as terras começaram a ser ocupadas por ex-trabalhadores da mineração aurífera no século XIX. Desde 1886 havia um balneário, sendo este pioneiro no Brasil, que tratava de doenças cutâneas e que se servia de águas sulfurosas. Na alvorada do século XX, uma nova ideologia buscava o estabelecimento de uma mentalidade higienista-hedonista. E o caminho dessa modernização voltou-se para a prática do culto à saúde do corpo e da própria urbe, com a criação de estâncias, divulgação de tratamentos médicos exitosos e uma paisagem que constituísse a imagem de um balneário do futuro. Ancorando-se nessa utopia, antigas construções foram demolidas como o balneário de 1886 e ao longo da década de 20 e de 30 do século XX, várias construções foram feitas como a captação de novas fontes termais, construção de novas termas, reconstrução do Palace Hotel, jardins, arborização, cassino, serviços de água, luz e esgoto e pavimentação das ruas, fazendo de Poços Caldas uma estância aos moldes europeus. A preocupação estética foi marcada pela monumentalidade e por um traçado que seguia os ribeirões retificados da cidade. Essa ideologia foi tão forte, que conseguiu penetrar no conservador universo religioso e que ficou impressa na paisagem urbana com a construção da Basílica de Senhora da Saúde em 1937. Entretanto, nos anos 40 com a descoberta da pelicinina e a proibição dos cassinos, a economia entrou em decadência e só recuperando após a chegada da mineração de bauxita nos anos 70. Aliada à suas peculiares climatológicas e hidrográficas, Poços de Caldas transformou a sua urbe para transmitir aos doentes e aos veranistas a mensagem de ser uma cidade saudável. Portanto, a partir dessa abordagem defendemos que o estudo destas relações cultura-paisagem deve estar associado à Geografia Urbana, uma vez que as práticas culturais contribuem na configuração do ambiente urbano e as decisões tomadas sobre ele.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Urbana, Mentalidades, Poços de Caldas, Urbanismo, Vilegiatura

¹ Geógrafo pela PUC-MG -Doutor em Arqueologia pela USP, leandro.vieira@meioambiente.mg.gov.br